

PREPARANDO O V CELAM: TEMAS ESQUECIDOS¹

* Professora do curso de Teologia do CES/JF.

Maria Inês de Castro Millen*

Em novembro de 2006 estive em Bogotá, para um Seminário de Mulheres da América Latina e Caribe, organizado pelo CELAM, em preparação à Conferência de Aparecida. Indicada pela CNBB, representava o Brasil nesta ocasião juntamente com outras dezoito mulheres dos demais países latino-americanos e caribenhos.

Fomos motivadas a participar a partir de uma questão, a nós enviada antecipadamente: *realidade e processos atuais na AL e Caribe mais determinantes para nossa sociedade e para a Igreja que podem ser considerados como sinais de vida ou, pelo contrário, sinais de enfermidade e de morte.*

O texto que compus e enviei previamente ao CELAM, depois de dialogar com mulheres provenientes de diversos setores no Brasil, pode ser assim resumido:

Vivemos um tempo de transição e nele estão presentes sinais positivos e negativos, que precisam ser desvelados e acolhidos em sua ambigüidade. Começamos apontando os sinais de vida, seguindo a indicação do Papa João XXIII, que, por ocasião do Concílio Vaticano II, diz que a observação dos sinais dos tempos deve primeiramente permitir a identificação dos sinais positivos, geradores de vida, e só depois a dos sinais negativos que devem ser vistos como desafios a serem enfrentados.

¹ Esta contribuição foi oferecida na aula inaugural do ano letivo no ITESP.

SINAIS DE VIDA:

Uma série de fenômenos pode ser arrolados como sinais de vida: a valorização da pluralidade e biodiversidade como riqueza; o desenvolvimento das ciências e das novas tecnologias; as novas possibilidades comunicativas; o fomento da liberdade individual e coletiva e a real possibilidade da autonomia dos sujeitos e das instituições; a consciência de um mundo que necessita expressar a solidariedade e fazer do diálogo um instrumento indispensável; o surgimento de projetos sociais que valorizam e defendem a vida; as pastorais e movimentos eclesiais que se articulam em função das necessidades do povo sofrido; a perspectiva de uma Igreja Povo de Deus, toda ministerial, voltada para a comunhão e a participação; as Comunidades eclesiais de base; o rosto misericordioso e paraclético de uma Igreja que se apressa em salvar e curar mais que julgar e condenar; o incentivo à formação e participação laica nos diversos setores e organismos eclesiais.

SINAIS DE ENFERMIDADE E MORTE, VISTOS COMO UM GRANDE DESAFIO:

Por outro lado, alguns aspectos de nossa realidade apresentam-se como sinais de morte, ou pelo menos, como grandes e consideráveis desafios: a injustiça social e suas funestas conseqüências; o preconceito que mata e exclui por múltiplas razões; a violência (individual, grupal e estrutural) considerada a partir de suas causas e suas conseqüências; a situação das mulheres que enfrentam, hoje, muitas jornadas de trabalho e ainda são desrespeitadas e desconsideradas pela sociedade e pelas instituições machistas; a situação dos homens que, educados para cumprirem um papel social verificado pela força e pelo sucesso conseguido a qualquer preço, encontram-se perdidos da sua verdadeira identidade pessoal, vivendo sufocados pela própria solidão e desamparo, tornando-se violentos e se refugiando muitas vezes na bebida, nas drogas e no jogo; a situação das crianças e dos jovens que, muitas vezes, sem infância, sem futuro, sem esperanças, sem referências significativas, sem amor, sem escola, sem assistência, sem alimento, sem casa, vítimas de maus tratos e obrigados ao trabalho prematuro, se encontram destinados a uma vida triste e a uma morte prematura; a indiferença, reverso do amor, fruto maduro do individualismo; o pouco investimento na educação; a corrupção dos *bons*; a situação da Igreja quando se deixa seduzir pelas tentações satânicas do dinheiro, do poder e do privilégio/prestígio.

O Seminário em si teve a duração de três dias e reuniu vinte e uma pessoas; o Cardeal Presidente do CELAM, o atual secretário e dezenove mulheres representando os diversos países estiveram presentes e participando.

Pessoalmente, confesso que senti um certo desconforto nesta participação, pois nos textos recebidos e nas discussões lá desenvolvidas percebi a quase ausência total de temas muito caros à Igreja latino-americana neste nosso tempo pós-conciliar. Para melhor compreensão deste momento, sintetizo o que estou chamando de *temas esquecidos*:

O próprio tema da Conferência. Após uma bem posta introdução do Secretário geral do CELAM, que justificou o tema: *Discípulos e missionários de Jesus, para que nele nossos povos tenham vida*, o próprio Jesus, o Evangelho e o Reino de Deus ficaram esquecidos. Toda a ênfase recaiu sobre a Igreja e seus projetos.

A categoria *sinais dos tempos* foi desconsiderada na sua matriz histórica mais ampla e retomada unicamente a partir da Igreja.

O ser humano concreto também esteve ausente: aquele que pode ser situado, denominado. A antropologia que sustentou o discurso foi a essencialista, que não leva a sério a existência, a história, a evolução, a ciência, o contexto. O que apareceu foi o ser humano sem gênero, sem nome, sem história, sem cultura, sem etnia, sem cor, sem classe social.

Algumas categorias foram desconsideradas: os pobres, os migrantes, os indígenas, os afro-descendentes, as próprias mulheres. Estas foram consideradas de modo preferencial a partir de sua função materna e familiar.

O ser humano mais considerado: aquele que tem tudo, que pode tudo, mas que está entediado, esvaziado, sem razões, em crise de sentido. O real humano latino-americano pobre, desamparado, adoecido, sofrido, oprimido, cuja crise maior é a da sobrevivência e não a da existência, não apareceu concretamente.

Não foram nomeadas e lembradas como significativas para alavancar a Conferência de Aparecida as outras quatro Conferências anteriores e nem mesmo o Concílio Vaticano II.

Expressões mal vistas: gênero, ecologia, direitos humanos, direitos e saúde reprodutiva e sexual, tolerância, feminismo, teorias sociais, evolução, libertação, acesso à terra, inter-religiosidade, culturalismo. Todas estas categorias foram consideradas ideologias perigosas, pois suscitadas por ideais comunistas e ateus, que, no fundo, tentam destruir os valores cristãos e, sobretudo, a família.

A vida foi considerada de forma redutora, pois se privilegiou quase de modo exclusivo a vida do embrião e a do doente

terminal. Aborto, contracepção e eutanásia apareceram como os temas de maior relevância para a América Latina. Não se considerou a vida dos que estão enfrentando as batalhas cotidianas, nem a vida do planeta. Os que são abortados na história, os pobres e a Terra continuaram esquecidos.

A família foi considerada em termos de *natural, normal, sadia*. A mulher é a grande responsável pelo sucesso ou fracasso das famílias, caso priorize ou não o seu lar, e os grandes inimigos dos tempos atuais são o divórcio, a mentalidade contraceptiva e abortista e as uniões de fato, pois adoecem as famílias e as colocam em situação de perigosa anormalidade.

A preocupação com a situação de desumanização das pessoas, apontada pelo Vaticano II e pelas demais conferências latino-americanas, foi substituída pela preocupação com a felicidade do ser humano sem a devida pergunta: no que consiste a felicidade? O foco é o mesmo para os ricos e para os pobres?

Expressões como *vocação para o céu e cidadãos do céu*, foram usadas de forma redutora, desconsiderando o Reino que é *já e ainda não*. A única história, que é também história da salvação, a encarnação de Jesus, a cruz de Jesus, os crucificados da história e a necessária construção de uma vida que sinalize os tempos futuros foram desconsiderados.

A preocupação com a defesa da Igreja foi maior do que com o anúncio do Reino. Tive a impressão de que a prioridade estava posta no *marketing* católico, pois o que aparece é a necessidade de buscar cada vez mais pessoas para a Igreja e não para Deus.

Faltou a disposição para o diálogo ecumênico, inter-religioso, com as ciências, com o mundo intelectual, com os formadores de opinião, com o mundo secularizado.

Esta foi uma percepção que não me causou poucas angústias e preocupações. Apesar disto tudo e, talvez, por causa disto tudo, sinto uma grande esperança. Creio que a *V Conferência* será um momento de graça especial, pois além de quem convoca e dos que são convocados, lá estarão presentes, sobretudo, o Espírito Santo de Deus e a Senhora Aparecida, estrela da evangelização, padroeira do Brasil, que não deixará de fora de sua casa e de seus cuidados maternais os pobres, os sofridos, os necessitados e todos aqueles que compõem o rosto concreto desta Igreja tão fecunda da América Latina, regada muitas vezes pelo sangue de seus inúmeros mártires.

Que Deus abençoe e ilumine a todos que lá nos representam é, neste momento, o meu maior e melhor desejo.